



4399 - Pôster - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

ESCUITA PEDAGÓGICA: UM CAMINHO POSSÍVEL PARA RESSIGNIFICAR O CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL
Simone do Nascimento Nogueira - UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS

Introdução

A escuta pedagógica no âmbito desta pesquisa, iniciada após meu ingresso no doutorado em Educação em 2017, é considerada na perspectiva freireana uma metodologia formativa que tem o objetivo de compreender a criança sob o seu próprio olhar, representando um caminho possível para a adoção de uma prática docente mais adequada para as crianças pequenas e consequentemente oportunizar uma ressignificação do currículo da Educação Infantil.

A proposta representa uma possibilidade formativa de resistência e enfrentamento do distanciamento entre as esferas pedagógica e educativa, que por vezes se faz presente nos espaços escolares de atendimento às crianças pequenas no âmbito da escola pública, cenário desta investigação.

A afirmação se sustenta em pesquisas atuais, como a de Campos (2017, p.148), que destaca: *é possível que haja pouca investigação na escola a respeito do esforço que a criança realiza para conhecer o mundo, construir hipóteses e conhecimentos durante as brincadeiras, uma vez que na escola estão presentes apostilas, livros didáticos e exercícios elaborados pelos docentes, que esperam as mesmas respostas de todos os alunos; é possível que a criança seja pouco ouvida.*

Conclusões similares foram apresentadas em dez teses e 22 dissertações cadastradas no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, entre 1996 e 2018; nelas os pesquisadores ouviram crianças objetivando conhecer o universo infantil pelo olhar da criança, proposta que busco aprofundar a partir do questionamento: como a escuta pedagógica pode contribuir para a ressignificação do currículo da educação infantil?

Referencial teórico

A pesquisa discute prática docente e concepção de infância com aporte teórico em Freire, Franco e Formosinho, que ressaltam a importância da escuta, da reflexão coletiva, do diálogo, da observação, da negociação para se superar a crença de que a prática docente se realiza na eficiente reprodução de ações mecânicas, pouco embasadas pela reflexão, logo, pode ser considerada como uma tarefa simples, passível de ser construída com poucos recursos (Franco 2012, p.167), contradição que esta pesquisa busca superar.

A escuta pedagógica está fundamentada em Freire (2002), que nos diz que escutar transcende o ato de ouvir, vai além da possibilidade auditiva de cada um, e é pautada nesta concepção que a escuta proposta busca transcender as práticas docentes mecânicas que ouvem a criança, mas não a escutam.

Nesta direção a pesquisa propõe escutar a criança, objetivando que suas falas as representem no processo de construção de práticas mais adequadas para a criança pequena, em sintonia com a concepção apresentada por Formosinho, (2013) na qual a escuta é um processo de ouvir a criança sobre a sua colaboração no processo de co-construção do conhecimento, para que assim, possa colaborar na co-definição do seu percurso de aprendizagem.

Para tanto, é imprescindível considerar, no âmbito desta pesquisa, a dimensão do currículo em que estão alicerçadas as práticas docentes, e compreendê-lo não como elaboração neutra, mas como um campo com tendências políticas, conflitos e tensões.

O currículo nunca é simplesmente uma montagem neutra de conhecimentos, que de alguma forma aparece nos livros e nas salas de aula de um país. Sempre parte de uma visão seletiva, da seleção feita por alguém, da visão que algum grupo tem do que seja o conhecimento legítimo. Ele é produzido pelos conflitos, tensões e compromissos culturais, políticos e econômicos que organizam e desorganizam um povo. (MICHEL APPLE, 2000, p. 53).

Há evidências de que os elementos destacados tanto refletem, como determinam o currículo, fato que esta investigação valida, pautada nos dados construídos na pesquisa em andamento.

Procedimentos metodológicos

A pesquisa-formação, da qual participam cinco docentes com experiência profissional que varia de sete a doze anos, e sete crianças, na faixa etária de quatro a cinco anos, pressupõe com base na pesquisa-ação, que a reflexão coletiva pode conduzir todos os envolvidos na prática reflexiva a se constituírem investigadores da prática (Franco, 2012).

Nesse caminho podem construir respostas para novos desafios, romper com procedimentos rotineiros, criar novas visões que transcendem o repertório atual e desafiar os seus participantes a encontrar alternativas de ação, buscando o rigor científico para superar a compreensão ingênua (Freire, 2002).

Nesta direção foram realizadas em 2018, oito encontros com duração de 1 h e 50 min, no Horário de Trabalho

Pedagógico Coletivo, objetivando sensibilizar os docentes a oportunizarem espaço/tempo para que a escuta intencional, começasse a ser cogitada, entendida e considerada como possível. Tais encontros desencadearam inicialmente estratégias de escutas que foram discutidas e elaboradas para que os docentes pudessem viabilizar e experienciar a escuta para além do ato de ouvir.

Na interação os diálogos se construíram, e na busca, como nos fala Freire (2002), de uma prática que indaga, que busca e que pesquisa, procurou-se um caminho metodológico para efetivamente escutar a criança, sendo que, nesta dinâmica formativa, os participantes se permitiam falar e ouvir os pares construindo respostas e possíveis ações imbuídas de intencionalidade.

-Eu gostaria de interagir mais com a criança, eu visualizei assim: no momento do reconto, da massinha, eles falam entre eles, e eu acho legal essa fala espontânea (PROFESSOR A)

-Minha ideia é aquela roda inicial que faço, ali surge cada pérola, sabe é a primeira vez que escuto esse tema “a escuta no fazer pedagógico”. (PROFESSOR D)

- Eu abro os momentos de roda escutando-os todos os dias, sempre com tema. Eu os deixo falar, mas minha escuta se resume basicamente a estes momentos, eu não acompanho eles no momento de brincar. Depois que fizemos a leitura dos textos, os estudos, eu comecei a prestar mais atenção na fala deles nas brincadeiras. (PROFESSOR C)

A presença da intencionalidade nas falas acima nos reporta à ideia de Sacristán (1999, p.33): *intencionalidade é condição necessária para a ação, e compreender esse elemento dinâmico e motor é fundamental para qualquer educador*, logo, o desejo externado, assim como a idealização do procedimento de escuta, sinalizam que a intenção já busca formas de se concretizar, iniciando a construção de espaços no currículo da Educação Infantil, para que a escuta pedagógica aconteça.

A troca de ideias e os questionamentos perante o novo, possibilitaram a reflexão que contribui para o desenvolvimento de uma prática dinâmica e em constante transformação, entendida no sentido de práxis, já que estamos tratando da prática que se dá na dimensão educativa, conforme nos elucida Franco (2012), exatamente como ocorreu nos encontros formativos.

Reflexões que qualificam a escuta e transformam o currículo

As socializações das escutas das crianças, realizadas pelos docentes e pela pesquisadora, no contexto da sala de aula, biblioteca escolar, e demais espaços escolares, trouxeram para as discussões as falas das crianças a respeito dos seus sentimentos em relação a vivência na escola, seus espaços de autonomia, brincadeiras, atividades preferidas.

Os encontros oportunizaram aos docentes uma escuta para além das falas cotidianas: “gosto da escola, de fazer lição, da professora, da merenda; dos amigos; não gosto quando a professora manda a gente brincar só daquela coisa, daquele brinquedo e também quando manda ficar só naquela mesa”. Ao ser instigada a falar sobre a lição citada, disse: *a lição que tô fazendo agora é bem difícil, tem que fazer 5 flores rosa e 4 amarelas*, porém, quando foi questionada de o porquê fazer tal lição, narrou: *por que a professora mandou, para aprender a estudar*.

Saliento que no processo ensino-aprendizagem, precisamos realizar adequações e reflexões a respeito do currículo, que por sua vez não é apenas conteúdo, porém, é o que aparece em destaque na fala da criança, resultando no sentimento de frustração por parte da professora.

[...] gostaria de ter ouvido meu aluno falar das brincadeiras, das amizades, da alegria de ver sua mãe fazendo teatro, mas ao invés disso ele faz muitas referências à lição de matemática; penso que dei muita ênfase às linguagens e não às brincadeiras, há uma separação em sua fala quando não deveria, errei tentando acertar [...] (PROFESSOR C).

Tais reflexões nos reportam a Apple (2000), ao destacar que os currículos são determinados por agrupamentos sociais com concepções, interesses econômicos, de classe, entre outros, que acabam por distanciar a verdadeira razão de ser de um currículo, da realidade de inúmeros alunos, e nos questiona o porquê de determinado conteúdo, e não outro; no caso exemplificado, um conteúdo que traga mais sentido para a criança pequena e que respeite os seus tempos de aprendizagem.

A escuta coletiva também oportunizou reflexões e diálogos que marcam a construção de ideias, opiniões, questionamentos, dúvidas enfim, processos de reflexão e ação que constituem a base da construção de um currículo mais próximo da realidade dos alunos.

- Eu coloquei o cantinho da casinha, dos jogos de montar que eles haviam pedido, aí Rafael pediu o cantinho da feira. Eu nem ia colocar por que é muito brinquedo é muita bagunça, mas como nós vemos, temos que perguntar “hoje vocês desejam que brincadeira?” Aí, colocavam as frutinhas na panela, faziam bolo, não usavam como feira, então Rafael me falou “eles podem comer as frutas?”, respondi “o que você acha?” “Não, se comerem fica sem ter o que vender”, nisso lembrei que a mãe dele tem uma banca de frutas no bairro e ele a ajuda. (PROFESSORA C).

- Então ele estava se vendo como vendedor (PROFESSOR D).

- Sim, pois é o único sustento deles (PROFESSORA C).

- Agora entendi ele estava no mundo real (PROFESSORA E)

- Ele estava na brincadeira do feirante, os outros eram intrusos, eles tinham que ir para o cantinho da casinha, percebe? Nós temos mania de enquadrar e as brincadeiras não conversam entre si (PROFESSORA A).

- Tanto que eu não permitia que quem estava no cantinho da casinha trouxesse a panelinha, mas agora, vamos interagir. (PROFESSORA C).

Na perspectiva de escutar a criança para conhecer seus interesses, motivações, desejos, ouvi-la de forma holística, oportunizando espaço para sua fala, seu envolvimento e interação, no processo de aprendizagem, conforme nos fala

Formosinho (2013), é que se dá o diálogo em que ocorrem descobertas, se levantam hipóteses e se ensaia novas possibilidades para práticas costumeiras.

As falas remetem às considerações de Freire (2002) sobre a necessidade de distanciamento da prática, como ocorreu, para nos tornarmos curiosos, e dialeticamente percebermos a prática com a pesquisa, para então apreendê-la na sua razão de ser.

Nesse movimento a pesquisa compreende que a reflexão coletiva permite que os docentes se vejam como são, como estão, individual e coletivamente, movimento desencadeado a partir da escuta pedagógica, sinalizando que a prática docente crítica pode contribuir para a construção de um currículo, no âmbito das escolas, compatível com as necessidades das crianças da Educação Infantil.

Referências Bibliográficas

APPLE, Michel W. **Política Cultural e Educação**. São Paulo: Cortez, 2000.

CAMPOS, Elisabete Esteves. Infância e práticas pedagógicas: reflexões na formação com professores, In: FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro Franco; GILBERTO, Irene Jeanete Lemos e CAMPOS, Elisabete Esteves Campos (orgs). **Práticas pedagógicas: pesquisa e formação**. São Paulo: Loyola, 2017.

FORMOSINHO, Julia Oliveira (Org.). **Modelos Curriculares para a Educação de Infância**. Portugal: Porto Editora, 2013.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia e Prática docente**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **Poderes Instáveis em Educação**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1999.